

## HOSPITAL DR. CARLOS MACIEIRA: UM RECORTE DO MODERNO BRUTALISTA DE BORSOI EM SÃO LUÍS

**MENDONÇA COSTA, JÚLIA. (1); ANTUNES FURTADO, LÍVIA. (2); GIANESSI DO  
VALLE GOMES, MÍDREA. (3); GONÇALVES DE SÁ NETO, OTON. (4)**

1. Universidade Estadual do Maranhão. Departamento de Arquitetura e Urbanismo  
Av. Daniel de La Touche, Cohajap, nº 3, Cond. Eco Vitale, casa 3  
julia.menda97@gmail.com
2. Universidade Estadual do Maranhão. Departamento de Arquitetura e Urbanismo  
Rua Mandacarus, Renascença II, qd. 10, nº 6  
liviafurtado505@gmail.com
3. Universidade Estadual do Maranhão. Departamento de Arquitetura e Urbanismo  
Av. Dos Holandeses, Calhau, nº 1, Ed. Tom Jobim, apto. 1001  
gianessimidrea@gmail.com
4. Universidade Estadual do Maranhão. Departamento de Arquitetura e Urbanismo  
Av. Dos Holandeses, Ponta D'Areia, nº 11, Cond. Farol da Ilha, Torre 1, apto. 122  
otonsa@icloud.com

### RESUMO

As Influências do movimento moderno na arquitetura chegaram em São Luís do Maranhão a partir o ano de 1930. Em 1979, assume o mandato de governo João Castelo, fazendo, durante o mesmo, parceria com a construtora Estrela, responsável pela execução de vários projetos de grande porte no país, no intuito de marcar sua governança. Neste contexto, o prédio hospitalar do Instituto de Previdência do Estado do Maranhão (IPEM), que futuramente viria a ser nomeado de Hospital Dr. Carlos Macieira, foi construído em 1980, com projeto elaborado pelo arquiteto Acácio Gil Borsoi em linguagem moderno brutalista. Para este artigo foi desenvolvida uma pesquisa teórica para contextualização do movimento moderno em São Luís seguida de uma bibliografia realizada em jornais no acervo da Biblioteca Pública Benedito Leite de São Luís e pesquisa de campo no hospital, para fotografia dos detalhes construtivos do edifício e análise do objeto em questão em relação às características de sua linguagem. Esta experiência possibilitou uma análise da expansão urbana da capital ludovicense e da inserção de novas tipologias arquitetônicas com influências da arquitetura moderno brutalista, além de levantar o debate sobre a necessidade de salvaguardar a arquitetura do século XX, devido a crescente descaracterização dos exemplares das obras desse cunho estilístico, que reflete a história das nossas cidades.

**Palavras-chave:** Hospital Dr. Carlos Macieira; Acácio Gil Borsoi; Arquitetura do Século XX.

## **HOSPITAL DR. CARLOS MACIEIRA: UM RECORTE DO MODERNO BRUTALISTA DE BORSOI EM SÃO LUÍS**

### **O CONTEXTO DA CIDADE DE SÃO LUÍS**

A arquitetura moderna surge no século XX, em um cenário de revolução industrial, em contraponto aos estilos arquitetônicos da época. A ordem era priorizar a racionalidade da obra e eliminar ao máximo os ornamentos, que, até então, eram bastante presentes na arquitetura, principalmente de igrejas, catedrais e palácios. Pela primeira vez, construções comerciais e residências passaram a ganhar mais destaque que construções religiosas. Sua principal característica é a utilização de formas geométricas simples, que valorizam a utilização dos materiais em sua essência. Um dos mais característicos é o ferro, que aliado às novas técnicas da engenharia, permitiu a criação de estruturas cada vez maiores e diferentes das já vistas, além de possibilitar a utilização de grandes vãos, trazendo os pilotis como uma das principais características do estilo.

As influências do moderno na arquitetura chegaram a São Luís do Maranhão a partir do ano de 1930, início do desenvolvimento dessa tipologia arquitetônica na cidade, que pode ser dividido em três fatores; a primeira fase caracteriza-se pelas intervenções urbanas, cujo o intuito era melhorar a mobilidade dos veículos na capital, tendo como exemplo, o alargamento da Rua do Egito, gerando a demolição de vários casarões luso brasileiros e dando espaço a construções do século XX; o segundo fator está ligado à inserção de alguns edifícios para abrigar sedes dos órgãos públicos governamentais de instituições federais dentro do conjunto hoje tombado. No centro histórico de São Luís, citamos a construção de alguns edifícios emblemáticos nas diferentes linguagens do período em questão como a arquitetura Art Déco, representada pelo Cine Roxy na Rua do Egito e o edifício Sulacap na Rua de Nazaré; em linguagem da arquitetura moderna, tem-se o edifício sede do INSS e o edifício João Goulart na Praça Pedro II, assim como o edifício sede do Banco do Estado do Maranhão (BEM) na Rua do Egito e a sede DNER na Rua Jansen Muller. O terceiro fator caracteriza-se pelas construções projetadas por arquitetos maranhenses que fizeram formação fora de São Luís, como Cleon Furtado e Braga Diniz, apresentando também arquitetos provenientes de outros estados como João Filgueiras Lima e Acácio Gil Borsoi, responsáveis por trazer as influências e vertentes mais tardias da linguagem moderna como

o brutalismo. São exemplos desse fator o edifício sede da Receita Federal e o Hospital Dr. Carlos Macieira.

Todas essas intervenções urbanas e arquitetônicas contribuíram para o surgimento de novas linguagens arquitetônicas que deram um ar moderno à cidade, pelo fato de modificarem a implantação das edificações nos lotes, com o surgimento de afastamentos frontais e laterais, como forma de melhorar a qualidade dos ambientes dessas construções [...]. (NASCIMENTO E PFLUEGER, 2016, p.78).

Nos anos 1970, a cidade de São Luís passou por um processo de êxodo do seu centro urbano e expansão com a construção de pontes e avenidas, deixando cada vez mais evidente a maneira como se comporta: expandindo-se ao longo de grandes avenidas e desenvolvendo os bairros nos seus terrenos lindeiros.

[...] temos um traçado urbano além do Rio Anil calcado em fortes interesses fundiários, que esgarçaram a cidade em todas as direções, enchendo-a de vazios atravessados por avenidas com extensões rodoviárias, ligando longínquos conjuntos habitacionais. (BURNETT, 2012, p.53).

Desta forma, a Avenida dos Holandeses e parte da Jerônimo de Albuquerque desenhavam a coluna vertebral do que se considerava o bairro do Calhau: parte de um método do governo da época, que acreditava na proporcionalidade entre expansão e progresso, para satisfazer a população.<sup>1</sup> Com a cidade extensa e mais vazios urbanos, começaram a surgir incentivos à construção de imóveis, seguindo uma tendência nacional de interesses fundiários.

## O IPEM DA DÉCADA DE 1930 A 1980

O Instituto de Previdência do Estado do Maranhão (IPEM) faz parte de uma longa história de quase um século de vida, surgindo em 1938 e preocupando-se apenas com seguro social. Na década de 50, em meio à um governo considerado elitista e, de certa forma, indiferente às questões sociais do estado, foram dadas tímidas iniciativas de prestar-se assistência

---

<sup>1</sup> Após a divulgação da Lei de Zoneamento de São Luís de 1992, o bairro do Calhau foi redesenhado, cedendo parte de sua área para que fossem delimitados outros bairros, como Renascença I e Renascença II, sendo o último onde está locado atualmente o objeto de estudo deste artigo.

social, uma vez que ocorriam em condições precárias, manifestando-se apenas na capital ludovicenses, que tinha limites pequenos. Assim, os servidores públicos passam por décadas de privação de uma eficiente assistência e de ressentimento em relação à ausência de políticas sociais que estivessem de fato comprometidas com a previdência.

A partir do desenvolvimento dessa carteira imobiliária, começam a ser interiorizadas unidades do IPEM, que posteriormente permitiram uma maior atividade do mesmo no resto do estado. Em 1979, assume o poder de governo, João Castelo, que virá por expandir abruptamente a abrangência da previdência social. Num período em que era comum a construção de grandes obras de cunho social a fim de ganhar apoio da população, o governador do estado fez parceria com a construtora Estrela, responsável pela execução de vários projetos de grande porte no país, para que se fossem realizados conjuntos habitacionais, unidades de saúde e demais infraestruturas urbanas, tanto na capital quanto no interior.

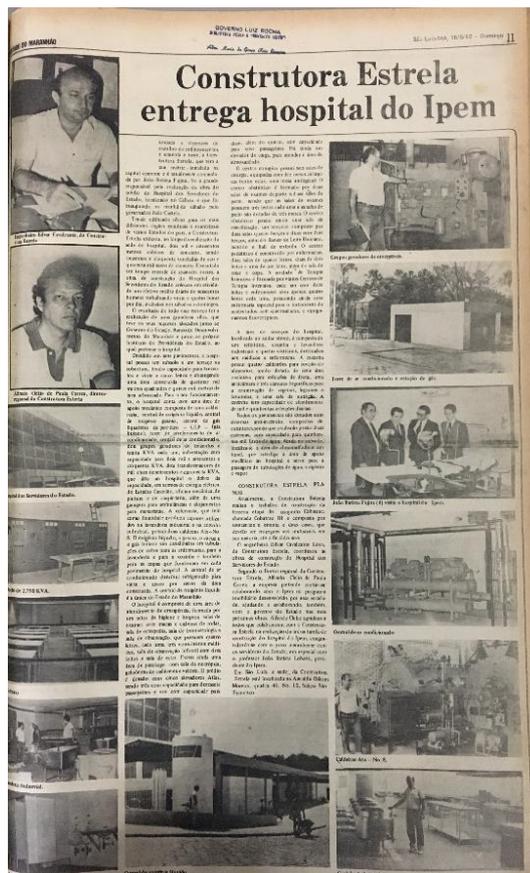


Figura 1 - Inauguração do Hospital do IPEM. Jornal Estado do Maranhão, 16/05/1982. Acervo Biblioteca Pública Benedito Leite.

Dentre esses equipamentos urbanos, duas unidades construídas no bairro do Calhau foram destinadas ao IPEM: o Centro Social e Recreativo dos Servidores do Estado – conhecido como associação do IPEM – e o Ambulatório dos Servidores do Estado, primeira parte de um projeto hospitalar de alta complexidade, que é o objeto de estudo deste artigo.

## **O HOSPITAL DO IPEM**

Em meados de 1979, no governo de João Castelo, com o crescimento e desenvolvimento da cidade e aumento da população ludovicense, surge a necessidade de locar novos equipamentos urbanos, principalmente nas áreas de expansão. A política vigente no período buscava trazer novas construções para satisfazer a população não apenas da capital, mas em todo estado do Maranhão. Com um grande número de servidores do estado e pouco suporte financeiro, principalmente no que se refere a investimentos no setor da saúde, é iniciado um projeto, comandado pelo arquiteto carioca e naturalizado recifense, Acácio Gil Borsoi (1924-2009), que vem a ser inaugurado em 1980, a primeira etapa de um projeto hospitalar de alta complexidade: o centro ambulatorial Dr. Geraldo Oliveira Melo, posteriormente denominado Hospital dos Servidores do Estado do Maranhão, trazendo um maior suporte à população estadual, ainda com déficit nesse tipo de infraestrutura. Localizado em uma área de desenvolvimento da capital maranhense, o terreno no qual foi implantado já visava expansões.

Construído em tempo recorde, o resultado da 2ª fase do projeto hospitalar de alta complexidade deu-se em 14 meses, sendo finalizado em 14 de maio de 1982, quando inaugurado como Hospital dos Servidores do Estado, ou Hospital do IPEM - nome popular devido à sua proximidade em relação ao Centro Social e Recreativo dos Servidores do Estado. Contando com 14 mil metros quadrados distribuídos em 7 pavimentos, possuindo subsolo e um terraço na cobertura, o hospital dispunha de atendimentos de urgência, centro cirúrgico, espaços para máquinas de exames comuns e diversos outros que não estavam disponíveis antes em nenhuma unidade pública de saúde no estado, tornando-se o maior hospital, a nível de Previdência, do Nordeste e Norte do Brasil. Também foram inseridos uma lavanderia industrial, uma cozinha industrial, um refeitório, vestiários e uma central de ar condicionado que climatizava vinte e cinco por cento da área construída. No subsolo, estavam localizados uma área de almoxarifado e um túnel onde passavam tubulações de água e oxigênio, interligando o hospital com a área mecânica.



Figura 2 - Inauguração do Hospital do IPEM. Jornal Estado do Maranhão, 12/05/1982. Acervo Biblioteca Pública Benedito Leite.

A Construtora Estrela fora designada a erguer a obra do hospital, uma vez que a empresa já havia sido responsável pela construção de outros projetos em parceria com o estado, como a da terceira etapa do Conjunto Cohatrac, também em São Luís. Para construção do hospital, foram utilizados dois mil e oitocentos metros cúbicos de concreto e trezentos e cinquenta toneladas de aço. Também foram investidos cerca de 2 bilhões e 153 milhões de cruzeiros, sendo utilizado 1 bilhão deste valor total para compra de equipamentos médicos e na área de construção civil.

Com o passar dos anos, o crescimento do estado e, também de São Luís, tornou necessária a expansão do hospital, que acabou passando por duas grandes reformas em 1998, incluindo a mudança de nome para Hospital Dr. Carlos Maciera, em homenagem ao famoso médico ludovicense e pai da ex primeira dama Marly Sarney (esposa de José Sarney), permanecendo assim denominado até os dias atuais. Recentemente, em 2014, o prédio novamente veio a passar por outra reforma, agora comanda por Marco Antônio Gil Borsoi, filho do autor do projeto inicial, sendo realizadas manutenções e readequações às novas necessidades da contemporaneidade.

No último ano, começou a ser planejado um novo Hospital do Servidor em anexo à estrutura, atrás dos prédios já concluídos, trazendo um novo estilo arquitetônico em contraste ao projeto de Gil Borsoi. O projeto conta com 5 pavimentos revestidos de pastilhas cerâmicas, grandes esquadrias de vidro com alumínio, material que também seria utilizado para criar *brise soleil*.

## **JUSTIFICATIVA DA LINGUAGEM**

Para Maria Alice Junqueira Bastos e Ruth Verde Zein “é a partir da verificação pormenorizada dos exemplos, exaustivamente coletados, analisados e corretamente datados, que é possível melhor compreender a arquitetura do brutalismo” (BASTOS; ZEIN, 2011, p.78). Portanto, neste capítulo, pretende-se apresentar o Hospital Dr. Carlos Macieira de Borsoi como um dos primeiros exemplares moderno brutalista ludovicense não por uma noção pueril de estilo, mas através da análise de dados históricos e factuais em suas mais fiéis datações e da crítica da obra em si, levando em consideração diversos parâmetros no que diz respeito às características do brutalismo brasileiro e suas influências, além da sua comparação com outras obras do autor.

Entrando no contexto histórico, apresentamos Acácio Gil Borsoi. O arquiteto carioca, graduado em uma instituição tradicional de ensino acadêmico, acabou seguindo um caminho moderno diferente dos seus ensinamentos. Na medida em que teve a oportunidade de trabalhar com arquitetos como Rodrigo Melo Franco e Lúcio Costa no Serviço de Patrimônio Histórico Nacional, foi influenciado a ter como uma de suas prioridades a preservação cultural, que manteve consigo durante toda sua carreira.

Segundo a análise de Izabel Amaral (2004) no artigo “Um olhar sobre a obra de Acácio Gil Borsoi: obras e projetos residenciais 1953-1970”, o portfólio do arquiteto pode ser dividido em três códigos; o primeiro é “o código racionalista”, que ocorreu entre as décadas de 50 e 60 e teve influências do período entre guerras quando se manifesta o movimento moderno. Nesse contexto, a arquitetura de Le Corbusier faz o emprego do conceito do racionalismo, apoiada em cinco pontos: pilotis, teto-jardim, planta livre, janelas horizontais e fachada livre. Este conceito tentava enquadrar soluções projetuais em um sistema único, com regras e leis como cita a autora: “[...] todos os elementos estão dispostos segundo uma ordem absoluta, segundo as leis imutáveis de um sistema preestabelecido” (AMARAL, 2004, p.56).

Borsoi projetava – levando em consideração esses “cinco pontos” corbusianos – obras que têm um novo sistema construtivo e soluções para o nordeste brasileiro, utilizando elementos como o concreto, brises, pilotis, coberturas com lajes planas, linhas curvas e abóbodas, entre outras. Têm-se como exemplar a própria Residência Acácio Gil Borsoi (1954) e o Edifício residencial Califórnia (1953), ambas em Recife.

O segundo é “o código regional” que, se inserido em uma “linha do tempo”, surge na interseção dos três códigos em questão; ele está presente apenas em projetos de residências unifamiliar como a Residência Conjugada L. M. Motta e Joaquim Queiroz de O. Junior (1962), no qual pode ser definido como uma mescla de arquitetura moderna com arquitetura colonial, levando como referência a história, cultura e tradições do local.

O terceiro código usado por Borsoi, o estruturalista, se associa à corrente do novo brutalismo europeu, tendo como principal filosofia a estruturalista em que as estruturas e texturas são valorizadas. Em 1961, no auge da linguagem arquitetônica na Europa, o Ministério das Relações Exteriores deu a Borsoi a oportunidade de viajar por cidades europeias para conhecer mais sobre a arquitetura moderna do local juntamente a novos métodos construtivos, o que influenciou diretamente em sua maneira de projetar, tomando

como referência arquitetos internacionais para suas obras futuras como Le Corbusier, Alvar Aalto, Louis Kahn e James Stirling.

As influências europeias de Borsoi, diferentemente do brutalismo paulista que explora a plástica do concreto em si, encontra outros recursos em movimentos artísticos como *art-brut*, enfatizando a pureza da forma e buscando uma plástica a partir da disposição de cheios e vazios das estruturas e volumes. Na medida em que isso é constatado, é nesse período que surgem nos projetos de Borsoi novas soluções como os brises pré-moldados em concreto, calhas aparentes, janelas que se projetam na fachada e a utilização de materiais mais rústicos como tijolo aparente, telhas cerâmicas, pedras naturais, entre outros. Para esse momento temos diversos projetos exemplares, como o Assembleia Legislativa do Estado do Piauí (1984) e o Edifício Institucional do BANDEPE (1969), localizado na capital pernambucana.

É importante ressaltar que as “influências” de Acácio Gil Borsoi são apenas um meio para que ele represente da melhor maneira sua arquitetura, não o tornando menos original, pois:

[...] convém entender que o termo [...] não implica em subordinação estrita, mas em livre escolha de referências pelo criador, que dentre as infinitas manifestações existentes seleciona as que melhor lhe parecem consoar com aquilo que deseja expressar (BASTOS; ZEIN, 2011, p.81).



Figura 3 - Tribunal de Justiça do Estado do Piauí. Fonte: Borsoi, 2006.

Considerando a contextualização dos três códigos, verificamos que Borsoi, na década de 60, recebeu forte influência do brutalismo europeu, precisamente do inglês, o que deu suporte aos seus projetos arquitetônicos a partir desse período como é o caso do Tribunal de Justiça do Estado do Piauí (1975), como diz o próprio arquiteto em entrevista à Revista Projeto, nº 33: “Todos os projetos que fizemos depois evoluíram desse” (WOLF; BORSOI apud AFONSO; MARQUES, 2014, p.105). Foi constatado, portanto, que o Hospital Dr. Carlos Macieira, concluído em 1983, tem sua concepção de projeto baseada no código estruturalista, conforme a contemporaneidade da obra em relação à outras supracitadas e as considerações da autora em epígrafe.

Se tratando da análise do projeto de Borsoi, afim de que seja afirmada a sua relação com a arquitetura moderno brutalista, o edifício hospitalar apresenta diversos elementos característicos da linguagem utilizados em sua concepção projetual. Segundo uma metodologia de análise de obras de cunho estilístico brutalista, percorrida por Bastos e Zein (2011) no livro “Brasil: Arquiteturas após 1950”, tais elementos podem ser elencados a partir de alguns pontos, agrupados arbitrariamente pela autora; são eles: partido, composição em planta e elevação, sistema construtivo, texturas e ambiência lumínica e pretensões simbólico-conceituais.



Figura 4 - Vista aérea do Hospital Dr. Carlos Macieira. Fonte: Andreas, 1998.

Analisando o partido é possível destacar os dois blocos horizontais dispostos em forma de “T” sendo um deles contrastante em questões de volumetria, definindo uma hierarquia entre tais, que se inserem de maneira imponente e harmônica no grande espaço livre de 15 mil metros quadrados desenhado por claros acessos e uma densa vegetação em sua margem.

Analisando a composição das plantas da obra pode-se compreender que houve a elaboração de uma planta genérica: com vãos livres e salas no seu interior que são de grande flexibilidade, adaptando-se facilmente a quaisquer necessidades que possam surgir; a escolha do arquiteto em dispor o bloco principal retangular com suas menores fachadas voltadas para o eixo norte-sul demonstra a sua preocupação com o conforto ambiental da edificação; há também a presença, no menor dos blocos, de uma área livre ao centro, como tentativa de amenizar a temperatura dentro da construção.



Figura 5 – Fachada do Hospital Dr. Carlos Macieira. Acervo pessoal, 2017.

Analisando a composição das elevações do edifício é clara a identificação dos cheios e vazios com aberturas protegidas por extensões das coberturas; a área livre ao centro do menor bloco, citada anteriormente, também tem a função de permitir a entrada da luz natural zenital em seu centro, onde não há a possibilidade de abertura de janelas; a cobertura do

maior bloco possui um terraço dividido por duas caixas de acesso e cercado por uma alta platibanda compostas de forma harmoniosa, revelando uma preocupação estética do arquiteto em relação à cobertura, tratando-a “como uma quinta fachada” (BASTOS; ZEIN, 2011, p.79), retratada também na forma clara e simples como solucionou o telhado do bloco secundário: telhas de fibrocimento, protegidas por uma platibanda de concreto, que cobrem a edificação entre seu perímetro retangular e sua abertura zenital interna e dividem-se em quatro águas para a parte exterior e quatro águas para a praça interior.

Analisando o sistema construtivo é evidente a priorização do uso do concreto armado fundido *in loco* em sua estrutura, sendo facilmente identificados os módulos de pilares utilizados; há a elaboração de pilares diferenciados levando uma característica estética àquilo que é em primeira instância estrutural; os dois volumes são estruturalmente independentes, havendo apenas ligações pontuais entre os mesmos; há ainda um outro anexo estrutural localizado no limite do terreno com a Av. Jerônimo de Albuquerque que abriga a guarita da edificação.



Figura 6 – Detalhes estruturais do Hospital Dr. Carlos Macieira. Acervo pessoal, 2017.

Analisando as texturas e ambiência lumínica, o concreto armado é em grande parte deixado aparente, “valorizando a rugosidade de textura obtida por sua manufatura” (BASTOS; ZEIN, 2011, p.79), restando algumas outras estruturas onde fora aplicada pintura diretamente sobre o material, como é o caso dos pilares perimetrais ao menor bloco<sup>2</sup>; o arquiteto faz o uso de *brise soleil* em concreto, a fim de proteger as aberturas de iluminação das fachadas leste e oeste do maior edifício, deixados na cor natural do material. Além desse dispositivo, na menor estrutura, Borsoi também utiliza a extensão de coberturas e pilares externos, redesenhados como elementos vazados, a fim de proteger suas fachadas da incidência solar.

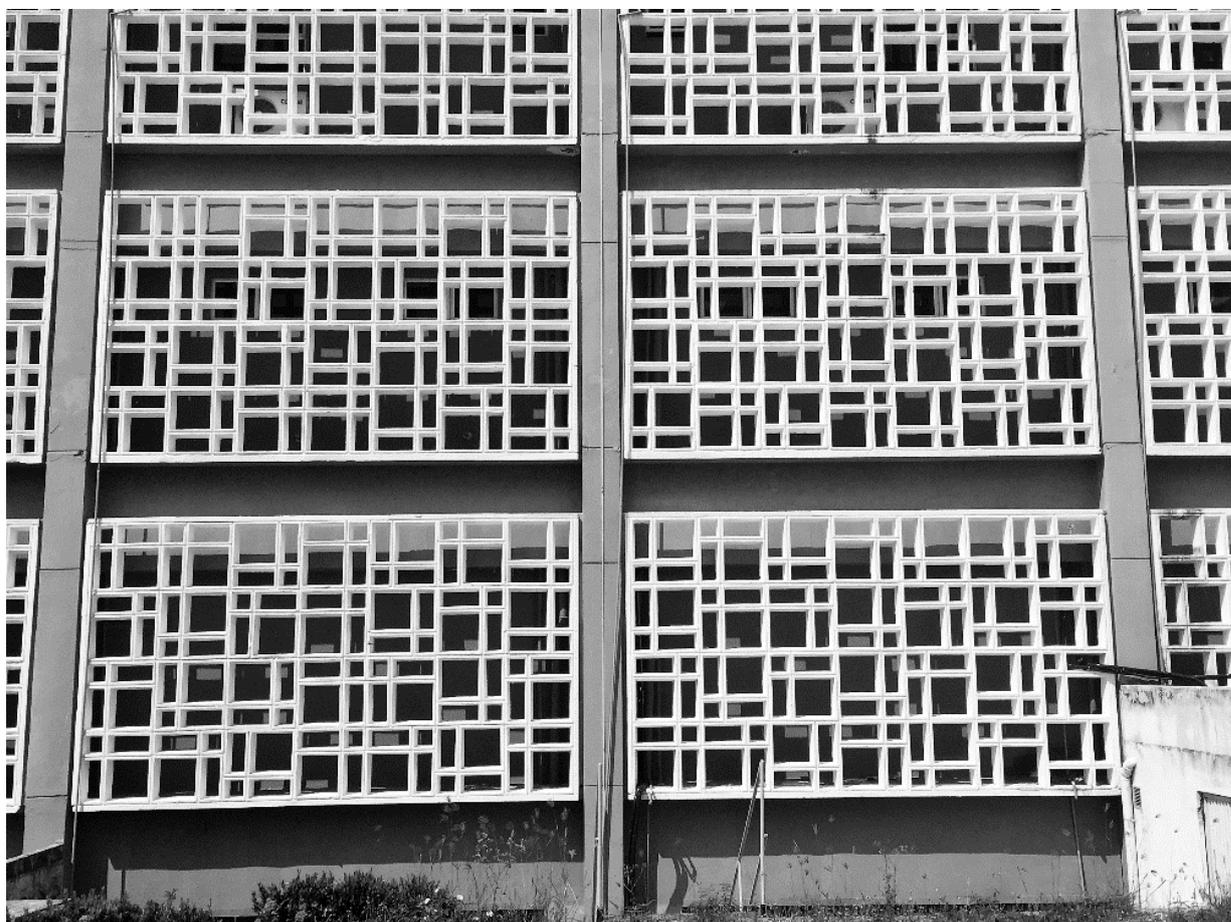


Figura 7 – Elemento vazado na fachada do Hospital Dr. Carlos Macieira. Acervo Pessoal, 2017.

---

<sup>2</sup> Após a reforma de Marco Antônio Borsoi, as estruturas em concreto aparente receberam uma pintura sem prévio revestimento em uma cor próxima ao próprio material e os brises em branco.

Analisando as características simbólico-conceituais, é notável a escolha restrita de materiais utilizados para a solução arquitetônica da obra, assim como a sua clareza no que tange a solução estrutural da mesma, se tornando um possível arquétipo capaz de ser prontamente reproduzido.

Cada uma dessas características pode, isoladamente, estar presente em arquiteturas não filiadas à tendência brutalista, mas é seu conjunto (mesmo que não totalmente completo) que conforma o recorte mais claro do panorama (BASTOS; ZEIN, 2011, p. 78).

Não se pretende aqui prender o artista a uma tipologia de arte, definindo uma imagem correta para a mesma. Segundo as autoras em epígrafe, “não se pode esperar que apliquem um único estilo fixo para todo e qualquer edifício” (BASTOS; ZEIN, 2011, p.82). Baseado nos elementos arquitetônicos analisados em questão, conclui-se que o Hospital Dr. Carlos Macieira está incluso no portfólio arquitetônico moderno brutalista de Acácio Gil Borsoi, compreendendo o brutalismo como uma vertente do movimento moderno.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A arquitetura e urbanismo do século XX têm sido ainda pouco pesquisados em São Luís. A força e homogeneidade do conjunto da arquitetura colonial luso brasileira, no centro histórico de São Luís, dos séculos XVIII-XIX, reconhecida e inscrita pela UNESCO como patrimônio mundial, concentrou todos os esforços de pesquisa e catalogação para a proteção deste acervo pelos órgãos federais, estaduais e municipais. Hoje, na perspectiva do século XXI, no âmbito acadêmico, buscamos compreender as diferentes temporalidades da nossa cidade com um novo olhar sobre as tendências e estilos arquitetônicos do século XX e XXI, valorizando este acervo que se incorporou ao conjunto histórico da arquitetura colonial portuguesa com novos edifícios verticais, refletindo as influências dos movimentos *art déco*, moderno e brutalista.

Novas iniciativas surgem para resgatar a importância da arquitetura do século XX através de pesquisas e trabalhos de finais de graduação do curso de arquitetura e urbanismo na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), criado em 1995, com apoio de bolsas da UEMA, CNPQ e FAPEMA e incentivo dos órgãos de pesquisas criados no âmbito da municipalidade, que junto aos parceiros estaduais e federais vêm fortalecendo o estímulo à pesquisa sobre a arquitetura do século XX, destacando a importância da preservação deste

acervo, incentivando a reabilitação de imóveis em ruínas e abandonados, evitando assim que demolições e descaracterizações ocorram nesses prédios.

A análise do prédio do Hospital Dr. Carlos Macieira é uma forma de compreender como se comportou a arquitetura moderno brutalista em São Luís, levando em consideração o seu recorte temporal. Os detalhes brutalistas expostos mostram a fidelidade do projeto à linguagem arquitetônica, sem perder a sua função, estética e conforto. A pintura sobre o concreto armado do edifício, após as reformas, desencadeia timidamente a uma discussão de como as intervenções contemporâneas descaracterizam o acervo do autor, levando em consideração o código estruturalista apresentado pela autora Izabel Silva e as linguagens arquitetônicas que não são protegidas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Arquitetônico Nacional (IPHAN).

A partir dessas discussões e pesquisas levantadas na universidade, pode-se compreender importância da formação acadêmica-profissional dos estudantes, a fim de que adquiram essa visão crítica durante sua formação e no futuro possam contribuir com a preservação do patrimônio cultural não tombado. O exercício de catalogar o acervo arquitetônico do século XX, compreendendo os elementos que se manifestam nas arquiteturas da época, é necessário para que as linguagens não desapareçam conforme o ritmo avassalador que a cidade contemporânea se constrói.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Izabel. *Um olhar sobre a obra de Acácio Gil Borsoi: obras e projetos residenciais 1953-1970*. 2004. 238 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

BASTOS, Maria Alice Junqueira; ZEIN, Ruth Verde. *Brasil: Arquiteturas após 1950*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BURNETT, Frederico Lago. *São Luís por um triz: escritos urbanos e regionais*. São Luís: EdUEMA, 2012.

NASCIMENTO, Lúcia; PFLUEGER, Grete. A memória da arquitetura moderna na cidade de São Luís no Maranhão (Brasil) no período de 1930 a 1960. In: ALFONSO, Alícia. *Modernidade no Norte Nordeste Brasileiro: o diálogo entre arquitetura, tectônica e lugar*. Teresina: EDUFPI, 2017. cap. 03.

WOLF, José; BORSOI, Marco Antônio. Fórum Judiciário em Teresina: Acácio Gil Borsoi (Fórum). *Revista Projeto*, [S.l.], n. 33, p. 32-36, set. 1981. apud: ALFONSO, Alícia; MARQUES, Rômulo (Org.). *Teresina em Aquarelas*. Teresina: Cidade Verde/EDUFPI, 2014.

## BIBLIOGRAFIA

- ALFONSO, Alícia. *Modernidade no Norte Nordeste Brasileiro: o diálogo entre arquitetura, tectônica e lugar*. Teresina: EDUFPI, 2017.
- AMARAL, Izabel. *Um olhar sobre a obra de Acácio Gil Borsoi: obras e projetos residenciais 1953-1970*. 2004. 238 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.
- BASTOS, Maria Alice Junqueira. *Pós-Brasília: rumos da arquitetura brasileira: discurso prática e pensamento*. São Paulo: Perspectiva/FAPESP, 2003.
- BASTOS, Maria Alice Junqueira; ZEIN, Ruth Verde. *Brasil: Arquiteturas após 1950*. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- BORSOI, Marco Antonio; DANTAS, N. B. (Org.). *Acácio Gil Borsoi: arquitetura como manifesto*. Recife, 2006.
- BRUAND, Yves. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. Ed. Perspectiva, São Paulo. 1991
- BURNETT, Frederico Lago. *São Luís por um triz: escritos urbanos e regionais*. São Luís: EDUEMA, 2012. (Coleção São Luís 400 anos).
- \_\_\_\_\_. *Urbanização e desenvolvimento sustentável: a sustentabilidade dos tipos de urbanização na cidade de São Luís do Maranhão*. São Luís: UEMA, 2008.
- CAVALCANTI, L. A. P. *Moderno e Brasileiro: a história de uma nova linguagem na arquitetura (1930 - 1960)*. Rio de Janeiro: Zahar editora, 2007.
- MINDLIN, Henrique E. *Arquitetura moderna no Brasil*. Rio de Janeiro. Aeroplano editor.
- MEIRELES, Mário. *História do Comércio no Maranhão. Vol.: III* São Luís: Lithograf.
- MOREIRA, Fernando Diniz (org.). *Arquitetura moderna no Norte e Nordeste do Brasil: universalidade e diversidade*. 1 ed. Recife: FASA, 2007.
- MOTA, Larissa de Miranda Teixeira. *Arquitetura Brutalista Institucional em São Luís: Análise dos Edifícios do Centro de Ciências Sociais – UFMA, do Hospital Carlos Macieira, do Ministério da Fazenda, do Estádio do Castelão e do Fórum Desembargador Sarney Costa*. 2017. Dissertação (Trabalho de Conclusão de Curso) – Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual do Maranhão, São Luís.

PFLUEGER Grete e LOPES, Jose Antônio. *Arquitetura do século XX. São Luís – Ilha do Maranhão e Alcântara: Guia de Arquitetura e Paisagem*. 1 ed. (bilíngue). Sevilla: Dirección General de Arquitectura y Vivienda, 2008.

SEGAWA, Hugo. *Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*. São Paulo: EDUSP, 1999.

ZEVI, Bruno. *A linguagem moderna da Arquitetura*. Lisboa: Dom Quixote, 1984.